

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
NAYSSARA RAQUEL BUENO SAUGO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: O URBANISMO DAS CIDADES CRIADAS
PARA O CONSUMO – O CASO DE DUBAI E LAS VEGAS.**

CASCADEL
2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
NAYSSARA RAQUEL BUENO SAUGO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: O URBANISMO DAS CIDADES CRIADAS
PARA O CONSUMO – O CASO DE DUBAI E LAS VEGAS.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade teórica, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: TC Qualificação, do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG – CAUFAG – Cascavel – Paraná.

Orientador: ProfªArqª: Tainã Lopes Simoni

CASCADEL

2017

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a relação entre planejamento urbano e o papel do consumo nas cidades de Dubai e Las Vegas. Para isto é necessário antes compreender o que significa planejamento urbano, fazer um breve histórico sobre as fases de planejamento contextualizando a expansão urbana nos tempos mais remotos, contextualizar as cidades em questão e analisar o cenário de entretenimento e consumo das mesmas.

Palavras chave: Planejamento Urbano, Consumo, Dubai, Las Vegas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cidade no ambiente de compras de Lisboa	20
Figura 2: Centro comercial da cidade de São Paulo	21
Figura 3: Cidade de Dubai	23
Figura 4: Centro de compras em Dubai	Erro! Indicador não definido.
Figura 5: Mapa da Avenida de Las Vegas	Erro! Indicador não definido.
Figura 6: Vista da cidade de Las Vegas	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	ASSUNTO	7
1.2	TEMA	7
1.3	JUSTIFICATIVA	7
1.4	PROBLEMA DE PESQUISA	8
1.5	HIPÓTESE	8
1.6	OBJETIVOS	9
1.7	MARCO TEÓRICO	9
1.8	METODOLOGIA CIENTÍFICA	10
2	APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS..	11
2.1	NA HISTÓRIA E TEORIAS	Erro! Indicador não definido.
2.2	NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS	12
2.3	NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO	13
2.4	NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	14
3	REVISÃO BIBLIOGRAFICA E SUPORTE TEÓRICO	16
3.1	TEORIAS E CONCEITOS DE PLANEJAMENTO URBANO	16
3.1.1	Planejamento Urbano Moderno	Erro! Indicador não definido.
3.1.2	Planejamento Urbano Pós-Moderno	17
3.1.3	Planejamento Urbano Contemporâneo	18
3.2	3.2 CONCEITUAÇÕES DO PLANEJAMENTO URBANO ESTRATÉGICO PARA O CONSUMO	20
4	CORRELATOS.....	21
4.1	O caso de Lisboa - Portugal	21
4.2	O caso de São Paulo - Brasil	22
5	APLICAÇÃO AO TEMA DELIMITADO	24
5.1	A história da cidade de Dubai	24
5.1.2	O Planejamento Urbano da cidade de Dubai	25
5.1.3	A história da cidade de Las Vegas	26
5.1.4	O planejamento Urbano da cidade de Las Vegas	27
	CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

O planejamento urbano das cidades consolida a sociedade que a concebe e sua percepção de mundo. As cidades de Dubai e Las Vegas apresentam uma concepção de governança baseada em métodos e princípios que visam o desenvolvimento do consumo. Esta gestão possibilitou a materialização de um planejamento relacionado a mercadoria, e sua linguagem retrata o mundo do consumo em geral.

A economia de Dubai e Las Vegas gira em torno do consumo, gerando impactos, muitas vezes negativos, para a produção do espaço urbano. São dois centros cujo planejamento é totalmente voltado para o mercado, diferenciando-os de outros planos urbanos, tornando o custo de vida alto e trazendo problemas para a população. Nesse contexto, devido à explosão imobiliária existente e ao capitalismo exacerbado presente nas duas cidades em questão, observa-se uma vantagem muito maior em ser turista do que cidadão nesses locais, tornando-as assim, cidades excelentes para o turismo, mas que traz vários problemas para os nativos.

Diante disto, o tema deste trabalho é estudar sobre o urbanismo dessas duas cidades, cujo planejamento foi criado para o consumo. O tema se apresenta como uma realidade no contexto do urbanismo contemporâneo, gerando possibilidades e problemas que devem ser fruto de um estudo mais aprofundado que tem como objetivo geral promover maior conhecimento e compreensão sobre as cidades planejadas para o consumo, sua relação com os habitantes, a vida urbana, a economia local e o turismo.

1.1 ASSUNTO

Leitura, interpretação e análise do urbanismo das cidades criadas para o consumo.

1.2 TEMA

O urbanismo das cidades criadas para o consumo.

1.3 JUSTIFICATIVA

O planejamento urbano das cidades consolida a sociedade que a concebe e sua percepção de mundo. As cidades de Dubai e Las Vegas apresentam uma concepção de governança baseada em métodos e princípios que visam o desenvolvimento do consumo. Esta gestão possibilitou a materialização de um planejamento relacionado a mercadoria, e sua linguagem retrata o mundo do consumo em geral.

Diante disto, a proposta deste trabalho justifica-se pois o tema se apresenta como uma realidade no contexto do urbanismo contemporâneo, gerando possibilidades e problemas que devem ser fruto de um estudo mais aprofundado.

1.4 PROBLEMA DE PESQUISA

As cidades criadas para o consumo são um fenômeno atual em termos de urbanismo. No entanto, estas não deixam de ser cidades que atendem a vida cotidiana. Visto que o consumo reflete forte pressão na produção do espaço, como se apresenta a vida cotidiana nestas cidades? Qual a relação da cidade com seus cidadãos e turistas? Quais são os pontos positivos e negativos que podem ser observados? Como se desenvolve a economia nestes lugares? Quais são os fatores que as diferenciam de outros planos urbanos?

1.5 HIPÓTESE

A economia de Dubai e Las Vegas gira em torno do consumo, gerando impactos, muitas vezes negativos, para a produção do espaço urbano. São dois centros cujo planejamento é totalmente voltado para o mercado diferenciando-os de outros planos urbanos, tornando o custo de vida alto e trazendo problemas para a população.

Nesse contexto, devido à explosão imobiliária existente e ao capitalismo exacerbado presente nas duas cidades em questão, observa-se uma vantagem muito maior em ser turista do que

cidadão nesses locais, tornando-as assim, cidades excelentes para o turismo, mas que traz vários problemas para os nativos.

1.6 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral promover maior conhecimento e compreensão sobre as cidades planejadas para o consumo, sua relação com os habitantes, a vida urbana, a economia local e o turismo.

- Compreender o planejamento urbano das cidades em estudo e identificar seus possíveis problemas;
- Analisar a relação das cidades para com os habitantes;
- Identificar conceitos de governança e gestão das mesmas;
- Relatar sobre a economia local e também sobre o turismo.
- Buscar um referencial teórico sobre planejamento urbano

Relacionar e comparar as cidades em questão com outros planejamentos urbanos.

1.7 MARCO TEÓRICO

Para Lefebvre (2001, p4), a cidade é uma obra que se orienta na direção do dinheiro, do comércio, das trocas e dos produtos. Ele salienta que os centros de lazeres, as cidades de luxo e de prazeres, e os lugares de férias demonstram isso, e sem dúvida a sociedade de consumo descreve essa direção. (2001, p132).

Segundo Carlos (2001, p28), A característica do método de produção da cidade é produzir um produto que aparece sob forma de mercadoria, pois é consequência do processo social de trabalho. Este, é realizado por meio do mercado, visto que a terra urbana é comprada e vendida enquanto mercadoria.

Ainda sobre cidades, Corbusier afirma que :

A estrutura das cidades nos revela duas espécies de acontecimentos: o ajuntamento progressivo, aleatório, com seu fenômeno de estratificação lenta, de formação escalonada, e depois sua força de atração adquirida, crescente, força centrífuga, sedução, violenta, investida balbúrdia. Foi assim Roma, como é Paris, Londres ou Berlim. (CORBUSIER 2000, p84).

Interpretando o planejamento urbano como ferramenta da cidade, Souza (2004, p46) diz que ele significa a preparação para a gestão futura, que busca evitar problemas e aumentar as margens de manobra.

Para Ortizoga (2010, p7-10), houve um grande aumento no contexto de globalização, pois as atividades globais apresentam novos impasses que devem ser compreendidos. Por isso, o urbanismo tem expandido seus conteúdos. Segundo ela, se focalizarmos os vínculos de consumo, compreendemos que o plano urbano está, progressivamente ligado à mercadoria.

Nesse contexto, nos coloca Debord (1931-1934, p29):

O mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o espetáculo apresenta é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. O mundo da mercadoria é mostrado como ele é, com seu movimento idêntico ao afastamento dos homens entre si, dentre seu produto global. (DEBORD, GUY, 1931-1934, p29).

Como um exemplo claro da tendência do consumo do espaço, Ortizoga (2010, p. 9) cita Dubai, pois a cidade toda é uma mercadoria colocada no mercado global de consumo.

Por fim, Biase (2001, p. 1) também destaca como exemplo bastante significativo que a ficção arquitetônica de Las Vegas não esconde um discurso da identidade, têm somente objetivo espetacular.

1.8 METODOLOGIA CIENTÍFICA

Como metodologia empregada para a realização desta linha de pesquisa, inicialmente foi realizado um estudo bibliográfico em livros da biblioteca da FAG, e consultas eletrônicas feitas com material disponível na internet como livros e artigos científicos, sendo esta uma pesquisa de caráter exploratório.

Para Mattar (1996), a pesquisa exploratória é utilizada especialmente para atribuir maior conhecimento sobre o tema que está sendo tratado ao pesquisador. É empregada nos primeiros estágios, quando o observador deve conhecer o tema, alcançar familiaridade e conceber melhor os fenômenos. A pesquisa exploratória também pode estar disposta como passo inicial de um processo contínuo de pesquisa.

Pretende-se ainda dar continuidade à pesquisa, substanciando um maior levantamento sobre o tema proposto, analisando e relatando conceitos das cidades em questão.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

Este capítulo trata das aproximações teóricas relacionado o tema da pesquisa escolhida aos quatro pilares da arquitetura, serão apresentados os pensamentos dos autores por meio de embasamento bibliográfico, teses e dissertações que relacionam-se ao tema da pesquisa.

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

Na atualidade, muito tem-se discutido e analisado a respeito das cidades, dos planos urbanos e do urbanismo em geral. Para Benevolo (2009, p80), a arquitetura se integra ao paisagismo natural, formando um organismo artificial inserido no ambiente natural, dando origem às cidades. Segundo Harquel (1990, p49), através da configuração da cidade ideal, que seria a ideia de uma concepção intelectual total do espaço urbano a ser projetada sobre o real, é elaborada a planificação urbana, que surgiu no renascimento. Argan (1998, p211) afirma que o processo com que se elabora os conteúdos, usando a dialética, organizando-os em um sistema que chegam a uma resultante, é o que distingue o urbanismo de qualquer outra disciplina.

No entanto, existem várias características que podem descrever o que seria uma cidade ideal. De acordo com Benévolo (2004, p173), entre 1820 e 1850, algum idealizadores de cidades tentam passar à ação o que no século XIX era uma imagem literária com muitas utopias.

Na cidade contemporânea, Dias (2004 p15) alega que como as cidades atuais não exigem mais palácios e templos e necessitam agora de fabricas, estações, ferroviárias, armazéns, lojas, bibliotecas, escolas, hospitais e moradias, os arquitetos e engenheiros trabalharam para responder à essas novas necessidades urbanas.

Glancey conta que :

Além de projetar cidades ideais do futuro e desenvolver seu próprio sistema proporcional, Le Corbusier mostrou ao mundo sua primeira Villa branca radical na forma de um pavilhão. Erguida em colunas chamadas pilotis, a casa pretendia ser um exercício de geometria abstrata, pura, branca: a mente de um homem confrontada com o mundo natural. A Villa Savoye é um magnífico exemplo de como o mundo da luz solar e os elementos podem se relacionar por meio de uma casa geométrica, altamente refinada, com vantagens mútuas. (GLANCEY 2001, p182-183).

Inserindo a arquitetura no contexto das cidades, Zevi (2000 p186) afirma que A arquitetura utiliza o espaço como um material e nos coloca dentro dele. De acordo com Colin

(2000 p32), tratar da maneira como os espaços se relacionam e a condição dos espaços criados, tanto como seu correto dimensionamento para atender aos requisitos dos usuários, é função da utilidade. Neto (1999 p111), declara que dispor elementos numa representação de espaços para a seguir executá-la numa prática efetiva, significa produzir um espaço na arquitetura pública e urbana.

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

No contexto das cidades, Robba (2010, p21) conta que quando analisado do ponto de vista da estrutura morfológica, o desenvolvimento dos núcleos urbanos coloniais brasileiros, assemelhava-se ao da cidade medieval europeia.

Se tratando agora de cidades contemporâneas e suas paisagens, Segres (2004, p16) diz que nas mãos dos empresários, da especulação imobiliária, dos engenheiros e técnicos em edificação e dos próprios moradores, está a maior parte da construção da cidade.

Lira afirma que:

Paisagens do mundo contemporâneo são, na sua maioria, produto das ações sociais, derivadas da ocupação cada vez maior de espaços territoriais em nosso planeta, pela sociedade humana. Todas as paisagens são passíveis de modificações ao longo do tempo, variando de acordo com as transformações sociais, econômicas, políticas, culturais, que irão se refletir diretamente nestes elementos, que sempre estarão em busca de uma adaptação às diferentes necessidades das sociedades e suas gerações. (LIRA 2001, p25).

Sobre a situação das cidades brasileiras, Romero (2000, p07) declara que diversos problemas são causados devido ao acelerado processo de urbanização, apesar de o mesmo também trazer benefícios para a sociedade.

Para resolver este problema, o paisagismo surge como uma solução. Diante disto, Macedo (2003, p34) aponta que devido ao aumento da população urbana, o parque passa a ser um ambiente de lazer desejado por muitas pessoas. Mascaró (2005, p11) complementa que para criar uma continuidade entre o espaço natural e construído, a natureza deveria ser aproveitada, possibilitando que a cidade se assente ao meio natural.

Assim sendo, Doyle explica que :

Arquitetos, paisagistas, designers de interiores e todos aqueles que desenham locais que serão usados por outras pessoas, lidam com uma forma especial de comunicação. [...]. Para fazer isso de maneira eficaz, o projetista deve compreender os fenômenos visuais nos quais esses tipos de imagens se baseiam. [...]. Uma vez tendo este entendimento básico, ele estará em condições de aprender as técnicas necessárias para recriar estes fenômenos sobre o papel. [...]. O mesmo é válido em relação a luz e sua consequência natural, a cor. [...]. (DOYLE 2002, p. 15).

Com um olhar mais técnico sobre o assunto, Wong (1998, p41) declara que o propósito do desenho gráfico é transmitir uma mensagem predeterminada, e sendo a melhor expressão visual possível da essência de algo, se constitui um bom desenho. Olberg (1997, p33) também afirma que uma boa representação de arbustos e árvores é muito importante sob o ponto de vista estético e artístico.

Por fim, Ching aponta:

A arquitetura geralmente é concebida, projetada, realizada e construída em proposta a um conjunto de condições existentes. Essas condições podem ser de natureza puramente funcional ou podem também refletir, em graus variados, a atmosfera social, política e econômica. (CHING 1998, p8).

2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

Segundo Corbusier (2000, p92), o suporte da arquitetura é o urbanismo, em que se estabelece uma arquitetura nova e importante. Nesse sentido, Carlos (2001, p23) afirma que a sociedade, e a dimensão social e histórica do espaço urbano são compreendidas através da cidade e da paisagem urbana.

Em se tratando do urbanismo contemporâneo, Souza (2004, p131) diz que a ideia-força central do “planejamento físico-territorial” em geral, é a mesma que a do urbanismo modernista, a ordem e a racionalidade. Para Oliveira (1982, p23), o mecanismo de mercado regula o uso do solo na economia capitalista, e o acesso à utilização do espaço se dá pelo preço desta mercadoria. Lefebvre (2001, 132), concorda com Oliveira, dizendo que sem dúvida os centros de lazeres, “sociedade de lazeres”, cidades de luxo e de prazeres e os lugares de férias demonstram isso, e que a sociedade de consumo descreve essa direção.

Nesse contexto, Del Rio (2001, p49), admite que os desenhistas urbanos deveriam partir para a compreensão dos processos decisórios políticos e do mercado de capitais.

De acordo com Dias (2008, p12) a disputa de classes e interesses externos à questão espacial, são vistos como consequências da infraestrutura, que trazem problemas à configuração urbana no campo do estudo da cidade.

Com intuito de solucionar tais problemas, Brasil (2001,p38) na legislação urbanística, a adoção de padrões urbanísticos exigentes fazem parte de um quadro de hegemonia de uma visão tecnocrática. Trazendo o desenho urbano como recurso, Lamas (200, p61) argumenta que organizar o território para acolher atividades e atuar na forma para que exista comunicação estética e significação é o objetivo do urbanismo e do desenho urbano.

Diante disto, Maricato afirma que :

Muitos são os obstáculos que se opõem a uma ação planejada, isto é, a acondicionar os investimentos públicos e os esforços da administração pública, bem como regular os investimentos privados, visando seguir diretrizes construídas democraticamente, ao longo de um período que deve abranger várias gestões municipais. MARICATO (2013, p10).

2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

À respeito de estruturas arquitetônicas, Silva (2002, p17) define:

[...] a palavra estrutura é usada para designar a composição, construção, organização e disposição arquitetônica de um edifício. [...] estrutura compreende todas as partes que compõem o edifício, desde os revestimentos, a pintura, até sua medula, o seu âmago. [...] (SILVA 2002, p17).

De acordo com Yazigi (2004, p501), para cada tipo de área, existem diversos sistemas oferecidos pelo mercado, com diferentes aplicações bastante definidas. Analisando a função da dimensão da obra, forma da estrutura, interferências existentes na área, custo, vida útil, etc, se escolhe o material necessário. Silva (2002, p156), no entanto, adverte que os materiais empregados, não deverão permitir a proliferação de bactérias, insetos e roedores no seu interior, assegurando boas condições de higiene, limpeza e segurança.

Nesse sentido, tem-se o planejamento com ferramenta para bons projetos. Segundo Cimino (1987, p15), para assegurar um melhor desempenho da empresa, procura-se sempre a utilização racional da mão de obra associada aos materiais de construção, visando a organização do trabalho. Contudo, dependendo o quão ergonomicamente bem desenhados foram os equipamentos, os postos de trabalho e o processo de trabalho, define-se a aquisição da habilidade, complementa Kroemer (2005, p123).

De acordo com Romero (2001, p17), o desequilíbrio do meio, o conforto e a salubridade da população urbana, dependem da prática da arquitetura e do desenho urbano. Para Frota (2001, p69), no caso de clima quente seco, pode-se direcionar a malha urbana prevendo que as ruas de maior largura sejam aquelas com direção este-oeste, com intuito de os raios solares ao longo do ano não atingirem com muito rigor as fachadas voltadas para essas ruas, além dos aspectos topográficos do local. Diante disto, Borges (1977, p1) explica que representar o relevo do solo, indicar a diferença de nível entre dois pontos, apresentar o volume de terra que deverá ser retirado ou colocado para um terreno irregular tornar-se plano, é função da topografia.

Conforme Martiniano (1991, p71) No meio urbano, o tratamento para abastecimento público, depende qualidade da água em comparação com os padrões de potabilidade e da aceitação dos usuários. Netto (1998, p482) complementa que fornecer água de boa qualidade para a alimentação humana e outros usos, é dever de um sistema público de abastecimento de água.

3 REVISÃO BIBLIOGRAFICA E SUPORTE TEÓRICO

3.1 TEORIAS E CONCEITOS DE PLANEJAMENTO URBANO

De acordo com Munford (1998, p.37), as cidades surgiram a partir de uma evolução da população paleolítica. Nessa transformação, a expansão provoca um desenvolvimento geral com uma nova estrutura, não apenas aumenta o volume existente.

Segundo Harouel (2004, p. 07), o urbanismo surgiu no final do século XIX a partir de uma nova doutrina que se manifesta como uma ciência e um conceito de cidade, cujo cunho reflexivo e crítico e seu anseio científico diferia-o das artes urbanas antigas.

A partir da II Guerra Mundial, surge o planejamento urbano, que teve seu início visando a substituição de espaços do tecido urbano que foi danificado. (Rio,2000, p.19)

Neste contexto, Souza (2004, p. 26/519) constata que o conceito de planejamento como objeto de preservação do status capitalista era unânime para muitos autores marxistas. Assim, o autor ainda afirma que o planejamento e a gestão urbanos são artifícios para se atingir um maior progresso sócio espacial na cidade.

3.1.1 PLANEJAMENTO URBANO MODERNO

Souza (2004, p. 75) afirma que o desenvolvimento urbano melhora a qualidade de vida, o que é o objetivo do planejamento urbano. Tal desenvolvimento, segundo Glancey (2001, p. 144), aconteceu a partir da revolução industrial pois essa industrialização não apenas levou o povo do campo para a cidade aos milhares, fazendo a cidade crescer além da sua capacidade, mas deu um grande impulso à construção civil, já que a partir daquele momento as casas podiam ser construídas em massa.

A revolução industrial é o acontecimento chave que acarretara o devir humano e promovera o bem-estar. Essas premissas ideológicas permitirão que chamemos de progressista o modelo que inspiram. [...]. Em primeiro lugar, o espaço do modelo progressista é amplamente aberto, rompidos por vazios verdes. Essa é a exigência da higiene. [...]. Em segundo lugar o espaço urbano é traçado conforme uma análise das

funções humanas. Uma classificação rigorosa instala em locais distintos o habitat, o trabalho, a cultura e o lazer. Essa lógica funcional deve traduzir-se numa disposição simples, que impressione imediatamente os olhos e satisfaça [...]. É preciso, no entanto, sublinhar a austeridade dessa estética, onde lógica e beleza coincidem. [...]. (Rio, 2000, p.19)

Choay (2003, p.01) ainda complementa que a cidade cria as metrópoles, perturbações, aglomerados habitacionais mas falha na disposição e na ordem desses locais. As construções do urbanismo são indagadas pois sociedade industrial desfruta de especialistas em planejamento urbano. Por isso, neste momento, a demanda pela cidade ideal tornou-se grande e necessitava de um planejamento. Neste contexto, a arquitetura moderna surge como resultado das transformações técnicas, sociais e culturais associadas a Revolução Industrial, conta Benevolo (2004, p.13)

Segundo Benevolo *et al* (1977, p. 14) O movimento moderno parte da resposta que valoriza plenamente as implicações políticas, econômicas e sociais, mas diferencia-se da linha ortodoxa da política europeia, que acarretam implicações aos modelos de reforma de organização espacial. Para Benevolo (2009, p. 615), a busca por um novo padrão de cidade caracteriza a arquitetura moderna. Quando os artistas se tornam capazes de apresentar um novo mecanismo de trabalho liberto dos fragmentos institucionais anteriores, ela tem início.

A cidade moderna, para Harouel (2004, p. 119), tem como características a indústria, o automóvel e o avião, pois se declara tudo aquilo que corresponde ao desenvolvimento da técnica. Sua estética rejeita a cidade antiga e se fundamenta na racionalidade. Para Lamas (2004, p.340) o urbanismo moderno, o elemento base de formação da cidade é a célula habitacional. Agrupamentos resultam em edifícios, os quais se agrupam para formar bairros, criticando a forma tradicional.

Todos sabem que, em sua fase inicial, a grande industrial se instalou nas grandes cidades ou em suas imediações, dando lugar a fluxos migratórios que multiplicaram até por dez a população urbana e praticamente destruíram a coesão das comunidades urbanas tradicionais. (ARGAN, 1998, p.78).

3.1.2 PLANEJAMENTO URBANO PÓS-MODERNO

Harvey, (1989, p. 71) conta que o urbanismo e o tecido urbano, após a Segunda Guerra Mundial, bem como a sua reconstrução e renovação se tornou um elemento essencial para

resolver os problemas políticos, econômicos e sociais enfrentados na época, pensando sempre no bem-estar e no crescimento econômico.

O autor salienta que o pós-modernismo sustenta uma ideia de tecido urbano como algo absolutamente fragmentado, dividido. No que concerne à cidade no período pós-moderno, Siqueira (2001, p. 01) fala que a cidade pós-moderna é o lugar que reside o indivíduo descentrado, o qual perdeu o sentido espacial num grande espaço em que tudo está fora de lugar.

A cidade pós-moderna é contra uma produção voltada apenas para o consumo. (COLIN, 2004, p.64).

Giddens (1991, p. 53), se refere à pós modernidade como algo diferente, um novo rumo, e uma transição a um outro tipo de ordem social, o qual deslocou o modernismo.

De acordo com Salgueiro, a característica fundamental da cidade pós-moderna é:

O caráter pontual de implantações que introduzem uma diferença brusca em relação ao tecido que as cerca. Desta característica resulta a existência de rupturas entre tecidos justapostos às quais substituem a continuidade anterior. (SALGUEIRO, 1998, p. 41).

3.1.3 O PLANEJAMENTO URBANO CONTEMPORÂNEO

O processo contemporâneo e suas transformações nas áreas urbanas, segundo Montemor, (2017, p. 19) são ocasionados pela globalização, e têm gerado uma variedade de críticas e discursos sobre a cidade e seus espaços. Fontes (2000 p.156), explica que o intuito do planejamento urbano contemporâneo, não era superar situações já existentes, mas ser capaz de, ao construir um edifício teórico, elaborar conceitos essenciais de urbanismo moderno.

Nesse contexto, Farret *et al* defende que:

Enquanto contribuição das ao conhecimento das cidades contemporâneas, a característica mais peculiar ao planejamento urbano reside na entrada em cena de várias disciplinas; contrapôs-se, dessa forma, ao papel especializado que o urbanismo assumiu diante da organização da sociedade industrial. (Farret *et al*, 1985, p. 35).

No entanto, Acselrad (2001, p. 9) faz uma crítica em relação às cidades contemporâneas, dizendo que a súbita urbanização e a acentuada concentração de indústrias e de seres humanos, tem modificado o tecido urbano no oposto do que deveria ser, um lugar para se viver bem.

3.2 CONCEITUAÇÕES DO PLANEJAMENTO URBANO ESTRATÉGICO PARA O CONSUMO

De acordo com Carlos (2001, p. 12), a cidade é a submissão do ser humano às necessidades de multiplicação do capital, no qual o homem se percebe preso pelas ânsias de consumo e lazer.

Sobre a paisagem urbana como materialidade das relações de consumo, abordamos a metrópole como um espaço sedutor. O planejamento estratégico urbano como materialidade das relações de consumo, explica Ortizoga (2012, p.206), aborda a metrópole em sua totalidade, como um espaço sedutor, produzido pelo mundo da mercadoria. O consumo, de acordo com Debord (1931-1994, p. 29), apresenta-se como um fetiche da mercadoria, e retrata a sociedade sendo dominada por coisas suprassensíveis, embora sensíveis, caracterizando o que o autor chama de espetáculo.

Segundo Cachinho (2006, p. 53) a cidade, enquanto centro de consumo, nutre-se de dois tipos de cenários: o cityscape, arquitetura da cidade com seus espaços construídos, e a mindscape, ambientes interiores, efeito da espacialidade dos hábitos recorrentes. Conforme Marx:

A produção é, pois, imediatamente consumo; o consumo é, imediatamente, produção. Cada qual é imediatamente seu contrário. Mas ao mesmo tempo, opera-se um movimento mediador entre ambos. São elementos de uma totalidade (Marx, 1974, p. 115 *apud* ORTIZOGA, 2012)

4 CORRELATOS

4.1 O CASO DE LISBOA – PORTUGAL

Serol (2012, p.08) conta que ao longo da história, a cidade de Lisboa atraía diversos povos em função de seu espaço repleto de colinas e vales e seu clima ameno, proporcionando a abundância de fauna e de flora. Progressivamente, a cidade foi alcançando a vocação portuária e marítima, através de sua localização privilegiada. Houve então um momento de declínio ocasionado pelas invasões bárbaras, mas quando superado, iniciou-se a criação de novos bairros, envoltos por uma muralha protetora, a qual foi sendo rodeada por habitações.

A origem do processo de planejamento estratégico desenvolvido em Lisboa incidiu em associar o planejamento urbano, visando a escolha de áreas estratégicas de intervenção urbana em analogia às quais o município desenvolveria atuações prioritárias, explica Leite, (2017 p. 167)

Com relação ao consumo da metrópole, Ortizoga (2010, p. 159) observa que a grande vantagem do comércio no município é a comodidade ao consumir, pois a população não precisa percorrer muito espaço para chegar ao comércio, facilitando o acesso à mercadoria.

Figura 1 – A cidade no ambiente de compras de Lisboa



Fonte: Editada pela autora (Ortizoga, 210, p. 153).

A mesma autora conclui que as ressalvas da paisagem do consumo em Lisboa evidenciam transformações na escala intra-urbana, confirmando uma mudança no padrão de organização hierárquico, por outro formado por complementos e concorrências entre outros distintos modelos de centros, diferenças nas formas de comércio e nos formatos de estabelecimentos

4.2 O CASO DE SÃO PAULO – BRASIL

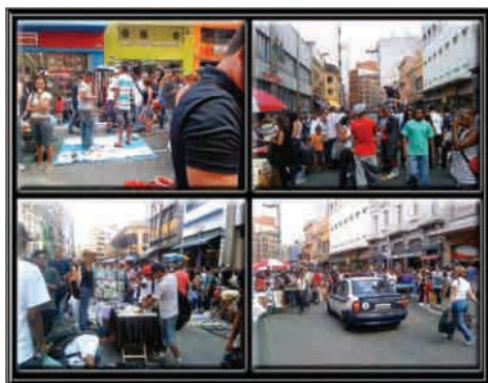
Júnior (2017 p. 2) relata que a cidade de São Paulo nasceu em virtude das vantagens estratégicas de defesa da colina central e seu crescimento se fez inicialmente no interior deste maciço. O centro comercial do município ficou nas colinas onde o mesmo nasceu, e em 1880, formaram-se bairros residenciais que se fixaram nas alturas do maciço.

Segundo Francisco *et al* (2015, p. 01) A maior parte dos processos de crescimento urbano e desconstrução do espaço na cidade de São Paulo esteve sujeita à acumulação do capital, desde a promulgação da Lei de Terras no ano 1850. Os interesses econômicos nortearam o desenvolvimento da cidade, ignorando os impactos negativos advindos das modificações urbanas.

No contexto atual, de acordo com Ortizoga :

São Paulo apresenta uma textura fragmentada da produção sócioespacial, e em sua contemporaneidade se apresenta como uma metrópole policêntrica. Seu tecido urbano se estende de forma difusa, ocupando o território de modo desigual, mas articulado. Vista desse modo, podemos antever o grande desafio para qualquer geógrafo que queira enxergar as formas de apropriação e de expressão do espaço metropolitano na paisagem construída. (ORTIZOGA, 2010, p. 100).

Figura 2 – Centro comercial da cidade de São Paulo



Fonte: Editada pela autora (ORTIZOGA, 2010, p. 108).

Ortizoga (2001, p. 2) conclui que a partir da observação das formas do comércio e do consumo, na área central da metrópole de São Paulo podemos rever as expressões claras da manutenção da sua centralidade, que muitos consideravam perdida, O que se observa é que ele

permite e se abre ao novo-global. Desse modo, ele concentra muitas diversidades, e consequentemente é receptivo à diferentes possibilidades de uso.

5 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO

5.1 A HISTÓRIA DA CIDADE DE DUBAI

De acordo com Araujo (2010, p. 237), Dubai é uma cidade com aproximadamente 2,3 milhões de habitantes, localizada na Península Arábica, sendo a mais populosa cidade, dentre as sete que compõem os Emirados Árabes Unidos.

Iop (2009, p. 38), conta que a história de Dubai foi caracterizada pela pesca e pela comercialização de pérolas. A cidade é situada nas margens do golfo pérsico, que é um local estratégico pois permite uma ligação marítima entre a Europa e a Ásia. Sendo assim, em 1960 e 1966, devido ao rendimento do comércio portuário e ao crescimento das empresas privadas, o desenvolvimento da cidade aumentou regularmente.

Brown (2002, p.5) explica que uma tribo conhecida como Bani Yas habitava a região, antes de Dubai se tornar cidade. Depois disso, o país passou de uma confederação de tribos, para uma nação estável, em uma única geração.

Iop ainda salienta que:

Após a formação do EAU, a modernização tornou-se mais rápida em todos os Emirados, mas principalmente em Abu Dhabi, o que acelerou a migração de indianos, paquistaneses, e outros árabes à região. A população de Dubai, principalmente por causa desta migração intensa, multiplicou-se de um total de 419 mil em 1985, para mais de 2,2 milhões de pessoas em 2008. (Iop 2009, p. 38)

Dubai, atualmente possui uma das economias mais desenvolvidas e conseqüentemente que mais crescem no mundo. Três quartos dessa economia é consequência do setor de serviços, sendo que 10 % advém do setor financeiro e apenas 5% derivam do petróleo, contrastando com os 36% total do país, explica Regueiro (2009, p. 56). A figura demonstra a dimensão da cidade, bem como sua arquitetura.

Figura 3 - Cidade de Dubai



Fonte: Editada pela autora (BROWN, 2002, p.57; 58).

5.1.2 O PLANEJAMENTO URBANO DA CIDADE DE DUBAI

Na visão de Iop (2009, p. 38), diversos fatores explicam o crescimento de Dubai nas últimas décadas. A decisão de investir em capital humano estrangeiro para diversificar a economia e desvincular o crescimento do emirado das divisas geradas pelo petróleo é um deles. Essa decisão foi possível pela localização privilegiada da cidade.

Sobre a cidade de Dubai, Araujo fala que:

A criação de Dubai parece estabelecer um novo paradigma urbano: o desejo de superar o que já existe, ultrapassar as dimensões dos contextos, alimentar o sonho de um paraíso na terra. (ARAUJO 2010, p. 242)

De acordo com Bharne (2013, p. 37), o planejamento urbano de Dubai foi uma razão primordial para o sucesso, pois tem seu investimento em tecnologias atuais, conduzidas por práticas internacionais para melhorar sua infraestrutura e impulsionar sua competitividade.

Ortizoga (2011, p. 03) salienta que a construção da cidade de Dubai tem uma forte conexão com o seu território. A produção e planejamento desse território está absolutamente vinculada ao método de agrupamento e centralização do capital e ao uso organizacional do espaço.

Ainda para Araujo:

No caso de Dubai, a indústria do entretenimento e do turismo está presente em todos os aspectos da cidade: nos shoppings malls, hotéis e ruas da cidade. Foram criadas estratégias de facilitação aos turistas: translados cortesia, shuttles dos hotéis para os shoppings, aceitação de qualquer tipo de cartão de crédito, táxis confiáveis, pontos de ônibus com ar-condicionado, e um metrô que leva aos maiores shoppings e é usado só por turistas, considerando que os moradores possuem carros. (ARAUJO 2010, p. 242)

Nesse sentido, no que diz respeito às grandes estruturas de consumo que conectam comércio, lazer e hotelaria, a autora afirma que o padrão seguido por Dubai, é uma tendência que foi fundada nos Estados Unidos e tem se expandido pelo mundo, acoplar tudo em um espaço privilegiado, ganhando centralidade.

Figura 4 – Centro de compras em Dubai



Fonte: Editada pela autora (ORTIZOGA, 2012, p.195).

5.1.3 A HISTÓRIA DA CIDADE DE LAS VEGAS

De acordo com Wolfe (2005, P.86), a cidade de Las Vegas, com uma área de 9.629.091 km² e população de 1.777.593 habitantes, é considerada, a capital global do entretenimento, pois possui uma fama mítica, atrelada ao luxo e ao glamour, reunindo sonhos da maior parte dos americanos da classe média.

Ainda sobre a história da cidade, Molina conta que:

Las Vegas foi fundada em 1903 e em 1931 obteve a legalização do jogo. Porém, somente em 1941 constituiu-se o primeiro hotel temático, o Rancho Las Vegas, objetivando recriar o ambiente de um rancho do centro-oeste. Posteriormente foi edificado o Flamingo, o primeiro megahotel; em 1965 construiu-se o Desert Inn, onde viveu durante vários anos o magnata Howard Hughes. Contudo, foi James Arno o empresário que contribuiu de maneira definitiva para conferir o perfil que Las Vegas

tem atualmente, orientando o potencial dos hotéis temáticos para o futuro desenvolvimento do destino. Na década de 1970 começaram a chegar as cadeias internacionais, impactando novos mercados com sua capacidade de cobertura geográfica. (...) Steve Wynn, outro homem-chave no desenvolvimento do centro turístico, foi o primeiro a perceber o potencial desse mercado. Wynn foi proprietário do Golden Nugget nos anos 70; no final dos anos 80 construiu o hotel Mirage, investindo 800 milhões de dólares e consolidando a nova feição que Las Vegas adquiriu desde então. (MOLINA, 2003, p.85-88).

Magnavita (2017, p.25) faz um contraste com os tempos antigos, dizendo que hoje, ao contrário de antigamente, a maior parte das pessoas visitam Las Vegas não tanto para jogar, mas para ver o jogo e desfrutar de uma série de diversões. A cidade comprova que o jogo de azar perdeu a soberania que tinha na série de fascínios que a cidade apresentava, mas conservou a sua força inercial. A forma individualizada de jogo tomou o lugar das mesas de roleta e carteados, muito embora essas ainda estejam presentes nos interiores do cassino.

5.1.4 O PLANEJAMENTO URBANO DE LAS VEGAS

De um modo geral, Wolf (2005, p. 89) explica que a cidade de Las Vegas se constitui ao longo da sua maior avenida - o Las Vegas Boulevard, também conhecido por The Strip. No extremo sul da avenida localizam-se os símbolos da cultura norte-americana, como dezanove arranha-céus, réplicas da estátua da Liberdade, da ponte de Brooklin, Times Square, vários restaurantes de luxo e uma torre com 350 metros de altura.

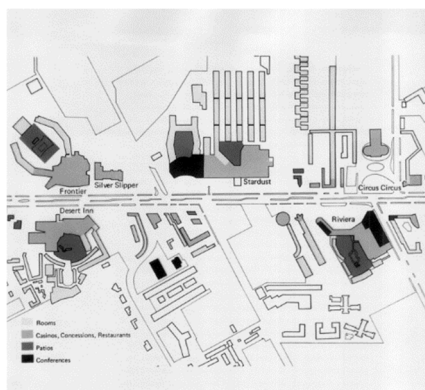
Segundo Venturi:

Os mapas de “uso do solo” do interior dos complexos dos cassinos começam a sugerir o planejamento sistemático que todos os cassinos compartilham. Os mapas de “endereços” e de “estabelecimentos” da Strip podem representar tanto intensidade como variedade de uso. (Venturi, 2014, p.44)

De acordo com Molina (2003, p. 81), a cidade foi planejada para oferecer experiências divertidas, sendo assim, os ambientes devem proporcionar vivências fantasiosas e essencialmente distantes do dia-a-dia das pessoas. Sobre o efeito Las Vegas, Magnavita (2017, p. 24) explica que constitui uma referência que trás sentido ao que se denominaria desurbanidade. A desconstrução de ideias e objetivos a respeito da cidade sugerida pela

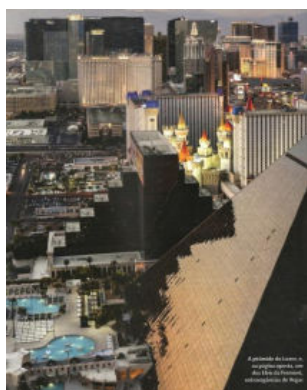
modernidade. A direção agora é a produção de consumo e a acumulação do capital, trazendo assim a arquitetura, também como mercadoria.

Figura 5 – Mapa da Avenida de Las Vegas



Fonte: Editada pela autora (Venturi *et al*, 2017, p.52).

Figura 6 – Vista da cidade de Las Vegas



Fonte: Editada pela autora (Ferrari, 2013, p.14).

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a primeira etapa, foi elaborada uma pesquisa exploratória, com relação aos quatro pilares da arquitetura: história e teoria da arquitetura, metodologias de projeto, teorias do urbanismo e planejamento urbano e as tecnologias da construção, buscando referências relevantes para o estudo. Após esta revisão bibliográfica agregou-se maior conhecimento sobre o tema em questão, que é relacionado ao urbanismo de Dubai e Las Vegas.

No segundo capítulo, foram resgatados os quatro pilares, para fazer uma ligação do tema com os quatro fundamentos da arquitetura, a partir de referências bibliográficas, amparando como base para a pesquisa. O terceiro capítulo estendeu-se nas teorias e conceitos sobre planejamento urbano, compreendendo como surgiu e qual a sua relevância para as cidades, apresentando o planejamento modernista, pós-modernista e o planejamento contemporâneo. No quarto capítulo foram apresentados casos de sucesso de planejamento estratégico: O caso de Lisboa – Portugal e o caso de São Paulo – Brasil. Retratou-se, no capítulo 5, a história da cidade de Dubai e Las Vegas, juntamente com os seus respectivos planejamentos urbanísticos, a fim de auxiliar nas análises da aplicação a serem realizadas no próximo capítulo.

O objetivo geral do trabalho foi analisar se o planejamento estratégico dos dois centros urbanos possui estratégias que contemplam sua vocação, em relação à expansão do consumo. O estudo juntamente com citações e correlatos foram de grande importância para a coleta de dados em relação aos municípios em estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, D. **Dubai: o paraíso hiper-real e paradoxal da indústria do entretenimento.** 2010. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo. Disponível em : <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/283/258> . Acesso em : 22 mai. 2017.

ARGAN, C. G. **História da Arte como História da Cidade.** 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENEVOLO *et al.* **La proyectación de la ciudad moderna.** Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.

BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BORGES, C. A. **Topografia Aplicada à Engenharia Civil.** São Paulo: Edgar Blucher LTDA, 1977.

BROWN, C. **Images of Dubai and the United Arab Emirates.** Dubai: Explorer Publishing & Distribution, 2002.

CARLOS, A. F. A. **A Cidade.** São Paulo: Contexto, 2001.

CHING, Francis D. K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHOAY, F. **O urbanismo.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1965.

CHOAY. **Planejamento Urbano.** São Paulo: Perspectiva S.A, 2000.

CHOAY. **Urbanismo.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COLIN, S. **Pós-modernismo: repensando a arquitetura.** Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004.

CONNOR, S. **Cultura Pós- Morderna.** Edições Loyola, São Paulo, 1993.

CORBUSIER, L. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro : Contraponto, 1997.

DEL RIO, V. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DIAS, S. S. **Teoria da Arquitetura e do Urbanismo II**. Casavel: CAU – FAG, 2008.

DOYLE, Michael. E. **Desenho a cores**. Porto Alegre, Bookman, 2002.

Estatuto das Cidades Guia para Implementação pelos Municípios e Cidadãos. Brasília – 2001

FARRET, R. **O Espaço da Cidade: Contribuição à Análise Urbana**. Parma, 1985.

FERRRARI, C. **Las Vegas All in : Enfiando o pé na jaca sem culpa**. 2013. Universidade Caxias do Sul. Disponível em : http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32249220/_102_x_anptur_2013.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 mai. 2017

FRANCISCO, J. **Transformações Urbanas em São Paulo**. 2015. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300017 Acesso em: 20 mai. 2017.

GLANCEY, J. **A história da arquitetura**. São Paulo: Loyola 2002.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Editora UNESP, São Paulo, 1991.

HAROUEL, J. **A História do Urbanismo**.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, D **História do Urbanismo**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

IOP, B. **Crescimento econômico de Dubai no período 1971-2009**. 2009. Faculdade de ciências econômicas, departamento de economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25351/000738012.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 mai. 2017.

JÚNIOR, C. **A cidade de São Paulo – Geografia e História**. 2017. São Paulo. Disponível em :http://www.sinaldetransito.com.br/artigos/a_cidade_de_sao_paulo_geografia_e_historia.pdf Acesso em: 21 mai. 2017

JÚNIOR, F. **O planejamento Urbano e a função social da propriedade**. 2012. Goiânia, Goiás. Disponível em : <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/2363/1452> Acesso em: 21 mai. 2017

KROEMER, K. H. E. **Manual de ergonomia: adaptando o trabalho ao homem**. Porto Alegre, Bookman, 2005.

LAMAS, J.M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 2000.

LEFEBVRE, H. **O Direito À Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIRA, F. J.A. **Paisagismo- Princípios Básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

MACEDO, S. S. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MAGNAVITA, P. **(Re)Aprendendo com Las Vegas**. 2017. Universidade Federal da Bahia. Disponível em : <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1353/1/3111-7264-1-PB.pdf> Acesso em: 21 mai. 2017

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARTINIANO, J.; NETTO, A. **Manual de Saneamento de Cidades e Edificações**. São Paulo: Pini LTDA, 1991.

MASCARÓ, L. **Vegetação Urbana**. Porto Alegre: 2005.

MOLINA, S. **O Pós-Turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

NETTO, A.; FERNANDES, F. M.; ARAUJO, R.; ITO, E. A. **Manual de Hidráulica**. São Paulo: Edgar Blucher, 1998.

OBERG, L. **Desenho Arquitetônico**. Rio de Janeiro: editora do livro Técnico, 1997.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

REGUEIRO, J. **Turismo e relações internacionais : um estudo de caso comparado entre Brasil e Dubai**. 2009. Brasília. Disponível em : http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1103/1/2009_JulianaLimaRegueiro.pdf. Acesso em : 21 mai. 2017.

ROBBA, F. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, F.; MARICATO, E. **A Produção Capitalista da Casa (E da Cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Alfa – Ômega, 1982.

ROMERO, M. **Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano**. São Paulo: ProEditores, 2000.

ROMERO, B. A. M. **A Arquitetura Bioclimática no Espaço Público**. São Paulo: UNB, 2001.

ROTA, A. B. & SCHIFER, S. R. **Manual de Conforto Térmico**. São Paulo, Livraria Nobel, 1998.

SEGRES, R. **Arquitetura Brasileira**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

SILVA, D.M; SOUTO, A.K. **Estruturas: Uma abordagem arquitetônica**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002.

SILVA, P. **Acústica Arquitetônica & Condicionamento de Ar.** São Paulo: Edital – Empresa Termo Acústica LTDA, 2002.

SOUZA, M. L. **Mudar a Cidade.** Cascavel: Bertrand Brasil LTDA, 2004.

VENTURI, R *et al.* **Aprendendo com Las Vegas.** 2014. Universidade Federal do Pará. Disponível em : <https://fauufpa.files.wordpress.com/2014/07/aprendendo-com-las-vegas-por-robert-venturi-denise-scott-brown-e-steven-izenour.pdf> Acesso em: 21 mai. 2017.

YAZIGI, Walid. **A Técnica de Edificar.** São Paulo: Pini, 2004.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.